

CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JOÃO LUIZ RAMOS CEREIA

**O LUTO NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE PERDAS NÃO
RECONHECIDAS**

Apucarana, Pr
2025

JOÃO LUIZ RAMOS CEREIA

**O LUTO NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE PERDAS NÃO
RECONHECIDAS**

Trabalho de conclusão de curso do
curso de psicologia 2025.

Orientado pela Esp. Thaila Caroline
Cardoso Matias.

Apucarana, Pr.
2025

JOÃO LUIZ RAMOS CEREIA

**O LUTO NA CONTEMPORANEIDADE:
UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE PERDAS NÃO
RECONHECIDAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade de Apucarana - FAP, com requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Psicologia, com nota final igual a _____, conferida pela Banca Examinadora formada pelos professores:

BANCA EXAMINADORA:

**PROFESSORA E MESTRE:
CHIARA FERREIRA DA SILVA FUSTINONI**

**PROFESSORA E ESPECIALISTA:
AMANDA MARIA DE ALMEIDA RAMALHO**

**PROFESSORA:
BRUNA CAROLINA DOS SANTOS ZANCOPÉ**

Apucarana, Pr
2025

AGRADECIMENTO

Chegar até aqui não foi fácil. Foram anos de esforço, noites mal dormidas, dúvidas e recomeços, mas também de descobertas, conquistas e encontros que tornaram essa caminhada inesquecível. Cada desafio me fez crescer, e cada aprendizado, por menor que parecesse, teve um significado enorme na construção de quem me tornei ao longo dessa trajetória.

Agradeço profundamente à minha família, que foi meu alicerce em todos os momentos. Obrigado por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidava, por cada palavra de apoio, cada gesto de carinho e pela paciência nos dias difíceis. Sem vocês, nada disso faria sentido.

Aos meus amigos, tanto os que a vida me deu há muito tempo quanto os que chegaram durante essa jornada, meu sincero agradecimento. Obrigado pelas risadas, pelas conversas que aliviam o cansaço, pela companhia e por me lembrarem que eu nunca estive sozinho nesse caminho.

Expresso também minha gratidão a todos os professores que fizeram parte dessa formação. Cada ensinamento, cada orientação e cada palavra de incentivo, cada escuta, cada conselho, deixaram marcas profundas na minha trajetória acadêmica e pessoal.

Em especial, agradeço à minha orientadora, Thaila Matias, por sua paciência, dedicação e por acreditar no meu potencial mesmo quando eu ainda aprendi a acreditar em mim. Sua escuta, seus conselhos e sua forma humana de orientar foram fundamentais para que este trabalho se tornasse possível.

A todos que, de alguma maneira, contribuíram para que eu chegasse até aqui, o meu mais sincero muito obrigado. Este TCC é mais do que um encerramento, é o reflexo de tudo o que vivi, aprendi e das pessoas incríveis que me marcaram ao longo dessa caminhada.

“Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então”.

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carrol - (1865)

CEREIA. J.L.R.¹
MATIAS. C.C.T.²

RESUMO

Considerando a importância crescente a respeito do luto no cenário atual, esta pesquisa tem como foco principal responder a problemática de como o luto, caracterizado por perdas não reconhecidas (Doka, 1989), afeta a subjetividade do sujeito na contemporaneidade, a partir de uma perspectiva psicanalítica? Tendo como objetivo: explicar e conceitualizar o luto contemporâneo para a psicologia, dando ênfase na abordagem psicanalítica, e como afeta a subjetividade do sujeito, visto que a sociedade atual encontra-se em uma plena negação da falta. Na sociedade contemporânea, há uma tendência muito grande a desconsiderar e/ou reprimir certas formas de luto, o que fez com que surgissem novas reflexões a respeito do tema. Em relação à linha teórica os estudos foram fundamentados através dos tópicos: luto (processo decorrido de uma perda), contemporaneidade (atualidade) e psicanálise (linha de pensamento da psicologia). Os métodos utilizados para a elaboração foram revisões bibliográficas, com base a literatura integrativa, de psicanalistas, tais como Freud, que iniciou os estudos acerca da psicanálise, e Lacan, que auxiliou na explicação do luto, que nortearam os estudos sobre o tema no decorrer do tempo, o que tornou possível conceituar o luto diferenciando-o do enlutamento contemporâneo além de auxiliar na explicação de como os laços sociais podem ser moldados através da falta simbólica.

Palavras-chave: Luto. Psicanálise. Perdas não reconhecidas. Contemporaneidade.

Abstract

Given the growing relevance of grief in contemporary society, this study aims to explore how grief—particularly that which stems from unacknowledged (Doka, 1989) or disenfranchised losses—affects individual subjectivity from a psychoanalytic perspective. The primary objective is to conceptualize contemporary grief within the field of psychology, emphasizing the psychoanalytic framework and its implications for the subject's inner experience. In today's society, there is a marked tendency to deny or repress certain forms of grief, prompting new reflections on the nature and recognition of loss. The theoretical foundation of this research is built upon three key areas: grief (as a process of coping with loss), contemporaneity (the current sociocultural context), and psychoanalysis (as a psychological approach). Methodologically, the study is based on a bibliographic review of integrative literature, drawing primarily from the works of Sigmund Freud, who laid the foundations of psychoanalysis, and Jacques Lacan, whose contributions furthered the understanding of grief. Their insights enable a distinction between traditional mourning and contemporary experiences of grief, as well as an analysis of how social bonds are shaped through symbolic absence.

Keywords: Grief. Psychoanalysis. Unacknowledged losses. Contemporaneity.

¹ João Luiz Ramos Cereia

² Thaila Caroline Cardoso Matias

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda sobre o luto não reconhecido na contemporaneidade, onde a sociedade atual elabora de forma diferente o luto, e como afeta a subjetividade do sujeito, visto que a sociedade contemporânea encontra-se em uma plena negação da falta, “nessa experiência o sujeito será implicado em seu sintoma e se engajar na construção de um saber sobre sua verdadeira, tarefa que se torna, em minha opinião, mais difícil, quando confrontada às respostas fáceis disponíveis na cena social” (Nicolau, 2021, p.37).

A escolha deste tema parte do interesse em compreender como o luto afeta a subjetividade do sujeito na contemporaneidade. Em um cenário social marcado pelo imediatismo e pela negação da falta, certas formas de luto permanecem não reconhecidas, dificultando sua vivência e elaboração, podendo usar como exemplo perdas como: término de relacionamento, troca de emprego, perdas do dia a dia que tenham peso para o indivíduo e afete sua subjetividade. Diante disso, a psicanálise se apresenta como um importante referencial para nomear essas perdas e contribuir para sua simbolização.

O trabalho baseou-se em uma revisão bibliográfica mostrando as convergências entre os autores que discorrem sobre o tema. O objetivo a ser alcançado é de como o luto, caracterizado por perdas não reconhecidas, afeta a subjetividade do sujeito na contemporaneidade, a partir de uma perspectiva psicanalítica.

Para Freud (1915), o luto é um processo que se inicia após a perda de um objeto de investimento libidinal. Durante um tempo, a libido do indivíduo permanece vinculada a esse objeto, responsável por satisfazer seus desejos e afetos. Com sua perda, torna-se necessário retirar gradualmente essa energia libidinal e direcioná-la a novos objetos, o que possibilita a elaboração do luto. O esperado é que, ao longo do processo de luto, o indivíduo vá gradualmente retirando o investimento libidinal do objeto perdido, e não o objeto em si da realidade. Essa retirada não ocorre de forma abrupta, mas de maneira progressiva. De acordo com Freud (1917, p. 129), “é cumprida aos poucos [...] cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e superinvestida, e em cada uma sucede o desligamento da libido”. Assim, o luto consiste em um trabalho psíquico de desligamento e reinvestimento da libido, podendo envolver também perdas que não recebem reconhecimento simbólico, o que dificulta sua elaboração. Na sociedade

contemporânea, há uma tendência muito grande a desconsiderar e/ou reprimir certas formas de luto, isso se dá pela “liberdade” que foi gerada após a Segunda Guerra Mundial, “que novas visões sobre o luto apareceram que em 1941, Kardiner publicou *Traumatic Neuroses of war*, obra que relata sobre o sofrimento de pessoas expostas continuamente a riscos de vida, como consequências para a saúde como um todo” (Pereira; Pires, 2018, p.204), mencionando também que após a Segunda Grande Guerra, houve a descentralização de quem ditava as leis e regras, e dava um norte ao indivíduo, foi retirada da mão da igreja e da família, possibilitando assim que o indivíduo pudesse tomar suas próprias escolhas, entretanto deixou uma margem muito grande a novas formas de luto, ainda mais em uma sociedade contemporânea inserida na tecnologia e tão imediatista (Fonseca, 2021).

Atualmente o ser humano está tão inserido nas redes sociais o que torna impossível de separar sua vida particular da pública, vive-se o ditado popular a ferro e fogo “Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro”, é ensinado a crescer sem mostrar as fraquezas e fragilidades da vida cotidiana, onde uma perda é apenas um ciclo que se encerra, mas afinal até que ponto isso é benéfico para o ser humano? Desde quando o não sentir, não mostrar, tornou-se tão importante quanto não adoecer?

2 METODOLOGIA

Este trabalho tem como foco principal entender como o luto, caracterizado por perdas não reconhecidas simbolicamente, afeta a subjetividade do sujeito na contemporaneidade a partir da teoria psicanalítica, e terá como base uma pesquisa qualitativa, seguindo como base a revisão de literatura descritiva

O levantamento das informações foi conduzido com o intuito de identificar estudos que condizem com a temática, que sejam textos gratuitos, publicados nos últimos anos e em língua portuguesa. Além disso, foram excluídos da análise estudos que não fornecessem assuntos voltados para o tema principal.

Foi feito o uso de banco de dados como SciELO (*Scientific Electronic Library Online*); PePsic (Periódicos de Psicologia), para realizar as pesquisas referente ao tema proposto.

A pesquisa para coleta de dados foi realizada pelos seguintes descritores ou palavras chave: Luto; Psicanálise; Perdas não reconhecidas; Contemporaneidade, tendo utilizando como base de dados o SciELO, PePsic e Revistas.

A análise de dados foi realizada em três etapas, tais como: primeira: definição de artigos com relação ao tema do trabalho; segunda: leitura do resumo; e terceira: os selecionados foram lidos na íntegra para uma análise mais aprofundada com o intuito de descobrir se condizia com o tema de pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Definição e conceito de luto

“A psicanálise prossegue, depositária que é da singularidade da dor da existência de cada um, pois as palavras faltam na sua impossibilidade de tudo significar, e o sentido da vida necessita permanentemente ser reconstruído. Mas nem sempre o homem consegue fazê-lo.”

Tradução de Marilene Carone 6 – Luto e Melancolia
Sigmund Freud (1917).

É de senso comum que no decorrer da história, o processo de morte e o morrer é uma experiência que tem sido moldada ao longo do tempo pela interação complexa de fatores culturais, religiosos, sociais e científicos, sendo acompanhado especificamente pelo luto, como resposta, que causa ao passar por tal processo. Já no âmbito das ciências sociais, a morte e o processo de morrer começaram a ser mais investigados como objetos de estudo no início do século XX, com um crescimento significativo do interesse a partir da década de 1960 (Machado; Menezes, 2018). Pouco tempo após os estudos serem mais aprofundados Elizabeth Kübler-Ross em seu livro “sobre a morte e o morrer” (1996) consta através de sua escrita crítica, formas de como a sociedade poderia auxiliar com o processo de luto após a morte.

Com o transcorrer do tempo, o termo luto vem desenvolvendo e ganhando uma grande importância atualmente, sendo não só relacionado a morte ou morrer, mas também podendo ser observado a perdas significativas que o indivíduo possa experimentar. Segundo o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro - CRP-RJ (2024, p.7) “o luto é um processo universal, complexo e multifacetado que faz parte da experiência humana. É uma reação natural à perda e pode

manifestar-se de várias maneiras, influenciadas por uma série de fatores individuais e contextuais”. Sendo assim pode-se definir que o luto é uma resposta emocional a significativa perda, que o sujeito reconhece como tal, podendo se manifestar por uma variedade de reações físicas, emocionais e comportamentais. Segundo o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro - CRP-RJ, o luto

Pode se manifestar e variar de uma pessoa para outra. Alguns indivíduos podem experimentar intensa tristeza, choro constante e sentimentos de desesperança, enquanto outros podem manifestar raiva, culpa ou até mesmo sensações de alívio. Além disso, o luto pode se manifestar via sintomas físicos, como fadiga, insônia e perda de apetite (CRP-RJ, 2024, p. 7).

O luto mencionado pelo CRP - RJ (2024) é um caminho íntimo e singular, voltado para a subjetividade do indivíduo, sendo assim um processo único a ser trilhado por cada um. A forma como alguém lida com a perda reflete não apenas a profundidade do vínculo que se desfez, ou dos laços sociais estabelecidos, mas também as memórias construídas, o contexto em que tudo aconteceu, a intensidade dos sentimentos envolvidos e o ambiente em que vive; cada despedida carrega sua própria história, marcada pelo tempo, pelas emoções e pelas experiências vividas. Assim, não há uma maneira única de sentir ou superar, dito isso, “a vertente construcionista social contribui com a reflexão sobre os sistemas linguísticos envolvidos na construção da experiência de luto” (Luna; Moré, 2017, p.154). Em conformidade:

Por diversas vezes o luto foi associado unicamente ao processo emocional de enfrentamento após a morte de uma pessoa próxima, porém, a ideia não se limita apenas à morte, mas o enfrentamento das sucessivas perdas reais e simbólicas durante o desenvolvimento humano (Lourenço, 2022, p.1).

Na psicologia, a abordagem psicanalítica dá ênfase aos estudos a respeito do luto e suas causas, Freud inicia os estudos acerca do luto, em seu texto “Luto e Melancolia (1915-1917, p. 127-144)” justificando e diferenciando luto de melancolia, onde os enlutados não se enquadram no quadro psicopatológico, mesmo que resulte em um afastamento sério da conduta da vida dita como “normal”, onde se acredita que será superado depois de um tempo, e perturbá-lo poderia ser até prejudicial, diferente da melancolia, que se enquadra em uma patologia (*ibidem*).

Baseando-se nas escritas de Freud, o luto e a melancolia compõem os mesmos traços, menos em relação à autoestima, pois, o processo do luto não é

afetado. Observando uma inibição e restrição do EU (Isso)³, exprimindo uma seletiva dedicação ao luto. O luto profundo vai ser igualado a uma perda de interesse ao mundo externo, sentindo dificuldade de eleger um novo objeto libidinal⁴, se afastando de todas as atividades que se liguem à memória da perda do objeto⁵ (*ibidem*).

O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição — observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia (Freud, 1915-1917, p.129).

Segundo Lacan (1962/2005, p.364) “o problema do luto é o da manutenção, no nível escópico, das ligações pelas quais o desejo se prende não ao objeto a⁶, mas à I(a), pela qual todo amor é narcisicamente estruturado, na medida em que esse termo implica a dimensão idealizada” deixando a possibilidade então de ocorrer a oposição, mencionada por Freud, produzindo um afastamento da realidade, negando-a e gerando uma psicose mediante ao objeto perdido, fantasiando o mesmo na realidade, na maioria das situações a pessoa acaba aceitando a realidade e reconhecendo que o objeto foi perdido. Entretanto, essa aceitação não ocorre de maneira imediata, mas sim de forma gradual, investindo tempo e energia, durante esse período, a pessoa continua a reviver mentalmente o objeto perdido, como se ele ainda estivesse presente, e de certa forma está, em sua fantasia. Como afirma Lacan (1955), não se renuncia a um objeto que se perdeu, a não ser que se consinta em perdê-lo simbolicamente, o que evidencia o tempo psíquico necessário para o trabalho de luto.

³ “Uma inibição é sempre a expressão de uma restrição funcional do Eu, que ocorre quando este teme entrar em conflito com o Id ou com o Superego”. Aqui Freud indica que a inibição funciona como defesa, evitando que desejos inconscientes do Id causem ansiedade. (FREUD, Sigmund. *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 64, *grifo nosso*)

⁴ “O fator do asco, que estorva a supervalorização libidinosa do objeto sexual, mas que, por sua vez, pode ser vencido pela libido. Poder-se-ia ver no asco uma das forças que levaram à restrição do alvo sexual” (FREUD, Sigmund. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.12).

⁵ “O ego precisa ter superado a perda do objeto (ou o luto pela perda, ou talvez o próprio objeto) e, desse modo, todo o montante de contrainvestimento que o doloroso sofrimento da melancolia atraía do ego para si e ligará fica agora disponível” (FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 35).

⁶ “O objeto a que funciona em sua fantasia e que lhes serve de defesa contra a angústia é também, contrariando todas as aparências, a isca com que eles fisgam o Outro” (LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1901-1981, p. 61).

Quando alguém perde esse objeto, que fora importante, o sujeito não sente a dor da perda de forma genérica, ele evoca as lembranças que o fazem revê-las de forma mais intensa cada detalhe do que perdeu. Então, a realidade obriga a pessoa a retirar essa energia emocional do objeto perdido. Isso é doloroso, mas necessário para seguir em frente (Cavalcanti; Samczuk; Bonfim, 2013). No decorrer do processo de luto segundo Freud (1915-1917, p.129) “Cada uma das lembranças e expectativas em que a libido se achava ligada ao objeto é enfocada e super investida, e em cada uma sucede o desligamento da libido”.

3.2 Luto invisível: conceito e características

“Crescer significa abandonar os mais queridos sonhos megalomaniacos da infância. Crescer significa saber que eles não podem ser realizados. Crescer significa adquirir a sabedoria e a habilidade para conseguir o que se deseja, dentro dos limites impostos pela realidade - uma realidade que consiste em poderes diminuídos, liberdade restrita e, com as pessoas amadas, conexões imperfeitas.

Uma realidade construída, em parte, sobre aceitação das perdas necessárias”

Tradução de Aulyde Soares Rodrigues 4 - Perdas Necessárias
Judith Viorst (2005).

Segundo Pereira e Pires (2018) o primeiro processo de perda simbólica do indivíduo é o seio materno, a estruturação do psiquismo na infância e o grau que será elaborado essa perda é o que vai determinar no futuro a postura do indivíduo diante as mortes simbólicas que irá vivenciar, além de tal perda objetual irá/poderá definir se tais lutos simbólicos futuramente irão ou não se transformar em um quadro patológico.

As perdas consideradas como “pequenas mortes”, como por exemplo, a fase do desenvolvimento, da infância para a adolescência, vida adulta e velhice, mudanças de casa, de emprego, o matrimônio e o nascimento do filho também são mortes simbólicas, onde uma pessoa perde algo conhecido, como o papel de solteiro e o de filho, e vive o desconhecido de ser conjugue ou pai (Pereira; Pires, 2018, p.201).

Tais situações mencionadas por Pereira e Pires (2018), despertam muita angústia, medo e solidão, trazendo em suas fantasias ⁷alguma analogia com a

⁷ “A fantasia é a moldura do desejo do sujeito; é nela que ele organiza o que falta e aquilo que lhe escapa, garantindo a sustentação do desejo.” (LACAN, Jacques. Seminário 6 – O Desejo e sua

morte, investindo em si, sentimentos e pensamentos relacionados a dor e tristeza podendo ocorrer uma desestruturação egóica, que ocorre quando a organização psíquica do indivíduo sofre um colapso ou enfraquecimento significativo, afetando sua capacidade de manter uma identidade coerente e funcional. Sendo assim, uma elaboração se faz necessária sobre o luto diante de perdas, seja da morte concreta ou da morte simbólica. O luto não é apenas um evento isolado, mas um modo de subjetivação, uma forma contínua de se relacionar com o outro. “Estamos constantemente em luto, pois vivemos, de maneira permanente, a perda de ideais, de ideias abstratas e de aspectos constitutivos da nossa existência” (Dunker, 2019, p.32).

De acordo com o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro - CRP-RJ (2024, p.15) “O termo “luto não validado” refere-se a uma situação em que o processo de luto de uma pessoa não é reconhecido, respeitado e apoiado pelo seu ambiente social ou por pessoas próximas a ela”. De acordo com a psicologia, o luto pode ser invalidado de diferentes formas, sendo eles: estigmatização do luto (em algumas culturas, expressar-se mediante a uma situação de fragilidade, ou se mostrar frágil é visto como fraqueza, o que impede que o indivíduo se expresse e vivencie situações como o luto); minimização da perda (pode-se observar atualmente que muitas frases como “isso logo passa”, ou “é apenas uma fase”, são ditas com frequência. Tais comentários invalidam o luto, podendo fazer com que a outra pessoa sinta que seu luto não está sendo validado, e que não tem o direito de sentir o que sente); falta de compreensão (as pessoas ao redor do indivíduo que está passando pelo processo de luto, podem não entender completamente a natureza do luto e suas diversas manifestações emocionais e comportamentais. Isso pode levar à falta de apoio, deixando o enlutado se sentindo isolado em sua dor), e expectativas sociais (em algumas culturas, há expectativas de que o luto seja breve e discreto. Isso coloca pressão sobre o enlutado para “superar” a perda rapidamente e retomar suas atividades normais, mesmo que não estejam emocionalmente prontos para isso) (*Ibidem*). Em concordância com Lourenço

O enfrentamento do luto e a maneira que a sociedade valida o mesmo é cultural, trazendo a percepção que a perda precisa ser “socialmente aceita” para que a dor do outro seja validada, assim,

Interpretação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 110). Aqui Lacan mostra que a fantasia não é apenas imaginação, mas estrutura psíquica fundamental para o desejo, funcionando como uma proteção contra a angústia causada pela falta do objeto a.

despreza-se a subjetividade e a legitimidade de seu luto, a depender é considerado por muitas sociedades como insignificantes, tendo como exemplo a dor por perder um emprego, o término de um relacionamento, a amputação de um membro do corpo após acidentes com sequelas, entre outros (Lourenço, 2022, p. 12).

Conforme Freud explica em seu texto luto e melancolia (1917), o luto não se restringe à perda de pessoas amadas, mas também à perda de abstrações significativas, como ideais ou posições sociais. Lacan (1962/2005) complementa ao afirmar que o trabalho do luto exige a simbolização da perda; sem esse processo, o sujeito pode permanecer preso à dor, especialmente quando a sociedade minimiza essas perdas simbólicas.

De acordo com Lourenço (2022, s/p) “o ser humano é atingido como um todo quando está sujeito a um processo de morte simbólica e transformação”. Os efeitos disso podem ser profundos, gerando alterações e levando a sentimentos como: solidão e isolamento, onde a pessoa pode evitar falar sobre sua dor porque sente que ninguém a entende ou se importa; raiva, podendo surgir uma revolta por não receber o apoio esperado; e ansiedade e depressão, onde o sofrimento reprimido pode se transformar em problemas emocionais mais graves.

Conforme explica Lourenço (2022, s/p) “essas alterações fragilizam o sujeito, deixando-o suscetível à sobrecarga psicológica se não bem elaborados, e para isso é importante haver a validação do mesmo”. Isso significa que o enlutado precisa sentir que sua dor é legítima e que tem o direito de expressá-la sem julgamentos.

3.3 A contemporaneidade e as mudanças na experiências do luto

“Somos feitos de carne, mas temos de viver como se fôssemos de ferro.”

Ditado Popular

No decorrer do tempo o tema luto vem desenvolvendo e mudando conforme as descobertas sobre o ser humano e sua psique, entretanto cada vez mais que a humanidade desenvolve e descobre novos signos⁸, o sentido de vivenciar e experienciar vem distanciando cada vez mais da realidade contemporânea, Freitas

⁸ Lacan enfatiza que os signos não possuem um valor absoluto, mas funcionam como marcadores do desejo do sujeito, mediando sua relação com o Outro e permitindo a interpretação clínica de sonhos, atos falhos, sintomas e fantasias. Dessa forma, os signos são centrais para compreender como o inconsciente se expressa e se organiza, sendo indispensáveis à prática psicanalítica (LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988).

(2018) menciona que o luto passou por profundas modificações, especialmente em seus aspectos teóricos e práticos, podendo ser observados no DSM-V, tendo como base para sua compreensão na atualidade a cultura e a clínica psicológica, o que trouxe a tona um conceito muito discutido por estudiosos principais da psicanálise, o desamparo. Em conformidade com Resstel (2015, p.85) “o desamparo, por sua vez, indica em sua essência vivida o sentimento de abandono, que é experimentado na descoberta do eu do indivíduo com o mundo”. Em conciliação com Torezan e Aguiar:

É possível evidenciar um abalo, introduzido na atualidade, dessa noção de sujeito de desejo proposta pela psicanálise, um abalo associado ao conceito de sujeito em estado-limite. Assim, identificamos um sujeito à mercê de um Outro pouco interditado, pouco marcado por uma falta simbólica e, portanto, imaginariamente passível de completude, o que torna o sujeito suscetível à objetualização. Apatia, alienação e angústia são marcas comuns, em que a falta não se instala de maneira efetiva, pondo em questão o estatuto do sujeito do desejo. Imerso num discurso da apologia de uma suposta felicidade plena proporcionada pelo saber científico, saber que pretende superar todo e qualquer limite e suprir toda e qualquer falta, o declínio da lei da castração se torna evidente e produtor de condutas e atuações delirantes e transgressoras (Torezan; Aguiar, 2011, p.543).

O desamparo é uma condição fundamental do ser humano, presente desde o início da vida é marcada pela dependência do outro para a sobrevivência (Resstel, 2015, p. 85). Atualmente, observa-se um aumento na sensação de desamparo vivenciada pelo indivíduo contemporâneo, em comparação ao indivíduo moderno. Supõe-se que a forma como o sujeito experiencia esse sentimento exerce grande impacto sobre suas relações, tanto com o outro quanto consigo mesmo.

O luto, baseava-se no sofrimento, mantendo sempre o indivíduo em movimento, pois ele buscava constantemente realizar alguma ação a respeito, entretanto na contemporaneidade o luto não deve ser compreendido apenas como uma experiência psicológica individual, mas também como um fenômeno que está imerso nas dinâmicas sociais e culturais, as quais influenciam diretamente a forma como os sujeitos vivenciam e elaboram suas perdas (Bugari; Silva; Lopes, 2024), podendo observar uma mudança nas estruturas psíquicas, na qual o luto se banha na dor, paralisando o sujeito que atualmente espera que o outro faça por ele. Sendo assim:

O cenário que se forja independe dos esforços individuais para se conquistar algo semelhante a um sentimento de certeza e segurança: a própria configuração sociocultural que se delineia nos dias atuais é a precondição para uma vivência em desamparo. Desamparo este no sentido de que carecemos de referências sólidas de identificação, uma vez que se tornou impossível fixar-se a um determinado tipo de identidade em um cenário em que a transitoriedade dos referenciais é perpétua e contínua (Tavares, 2010, p.29).

Diante do que foi mencionado nos capítulos anteriores pode-se diferenciar o indivíduo contemporâneo do moderno. Para o indivíduo moderno era possível ser mais reflexivo, além de não estar no meio tecnológico, o que facilitava para ter uma vida mais privada, sendo possível separá-la da vida pública. As instituições sólidas da época também colaboraram para ter uma cultura onde a família, escola e igreja, ditavam as regras da sociedade, tornando assim o ser menos “livre”, ditando a forma de pensar, sentir e agir (Fonseca, 2021). Segundo Fonseca,

[...] a sociedade moderna é uma sociedade que ampara, que aponta caminhos, que se dispõe a explicar a origem do sofrimento humano a partir da religião, que oferece oportunidades de apaziguamento desse sofrimento, e que oferece segurança. Mas é também uma sociedade que castra, que proíbe, que impõe regras e que limita as possibilidades de organização social (Fonseca, 2021, p.26).

Conforme o supracitado, foi só após a Segunda Guerra Mundial que ocorreu uma mudança na forma e no modelo social, isso foi objeto de estudo por muitos pesquisadores, pois impactou diretamente nessa forma da sociedade se organizar, abalando diretamente na subjetividade do sujeito e nas formas de sofrimento. De acordo com Fortes (2009, p.1123) “observa-se [...] uma mudança nas formas de subjetivar-se, principalmente no modo que o sujeito relaciona-se com a dor como algo a ser evitado”.

As constituições passam a ser vistas de outras formas, “os ideais são outros, a forma de vivenciar certas situações é outra, a relação do sujeito com a religião, com o trabalho, com o outro, com o casamento, é outra” (Fonseca, 2021, p.26). Com essa pós-modernidade marcada pela crise e pelo colapso da autoridade das instituições tradicionais, o sujeito se encontra em uma posição de mais liberdade, tanto em seus desejos quanto em suas escolhas (*Ibidem*). Entretanto, por mais que haja essa liberdade, essa libertação, há uma espécie de “falta de chão”, direcionamento. Segundo Minerbo (2013, s/p), “o psiquismo depende das

significações oferecidas pelas instituições para atribuir sentido à realidade e, principalmente, simbolizar as experiências emocionais”.

A sociedade e estudos atuais têm como base que o indivíduo que vivencia e/ou passa pela perda do objeto libidinal, está imerso de sentimentos como angústia em seu EU, e em consequência, pode facilitar que entre em um estado de desamparo, assim como uma criança, quando seu objeto, fonte de satisfação (mãe), não atende suas necessidades, começa a angustiar-se e tem sua primeira fantasia de abandono e morte como destino. Essa vivência do desamparo, segundo Winnicott (2000), surge quando há falhas no cuidado materno e no ambiente suficientemente bom, provocando angústias intensas que podem ser sentidas como ameaças de aniquilação psíquica.

Tal aspecto acompanhou o ser humano no decorrer do tempo e gerações, entretanto com o passar do tempo a forma como o luto se manifesta e seus motivos tornaram-se cada vez mais abrangentes, consequência da tal “liberdade” que o indivíduo conquistou.

A figura do desamparo, concebida por Freud (1926), ganha destaque no contexto da contemporaneidade, uma vez que o sujeito contemporâneo se vê cada vez mais exposto à fragilidade da existência sem os antigos amparos simbólicos. Para Freud (1926), o desamparo é uma condição originária do sujeito, que se estabelece desde os primeiros momentos da vida, quando o bebê, totalmente dependente do outro, vivencia a angústia de não poder satisfazer suas próprias necessidades. No entanto, esse desamparo primário se intensifica na contemporaneidade, sobretudo diante da queda dos grandes pilares que antes sustentavam a subjetividade: a razão universal, a crença na ciência como solução para os males humanos, e a religião como instância de proteção simbólica. Com o declínio dessas estruturas, o sujeito contemporâneo se depara com uma realidade marcada pela incerteza, pelo vazio e pela ausência de sentido compartilhado, o que potencializa sentimentos de angústia e solidão. Nesse cenário, o luto, compreendido como experiência de perda, adquire novas configurações, tornando-se mais amplo e subjetivo, uma vez que os referenciais simbólicos que antes ajudavam a elaborá-lo estão cada vez mais enfraquecidos (Fortes, 2009).

Antigamente a sociedade que estabelecia tradições e tabus com o objetivo de aprisionar e controlar os indivíduos, castrando-os assim de suas possibilidades, atualmente, diante da liberdade alcançada pelo indivíduo, o sujeito pode desfrutar

dessa nova condição, entretanto, não sem alguma perda (Tavares, 2010). Quando comparado ao sujeito contemporâneo, nota-se diversas divergências, sendo essas que modificaram a forma de viver, pensar e sentir que o indivíduo moderno tanto prezava. De acordo:

O luto é um dispositivo socialmente controlado, embricado em um jogo de poderes que se originam na medida em que a sociedade, composta por relações de poder (biopoder) é quem determina o valor das experiências e, com isso, o valor das perdas (Grigoletto Netto, 2023, p.3).

Dito isso, e como já explicado nos capítulos anteriores, não pode-se ignorar o fato que o luto que é sentido e experienciado pelo enlutado de forma totalmente subjetiva, por mais que a sociedade atual tenha o pré-selecionado como sendo correto e adequado de experienciar. Isto afeta milhões de pessoas na sociedade contemporânea, sentir e não poder demonstrar; vivenciar e não poder se expressar. De acordo com autores contemporâneos, uma das principais marcas da atualidade é o desamparo vivido pelos sujeitos, decorrente de um contexto de incertezas que abala as garantias quanto ao futuro. Esse cenário contribui para o aumento da sensação de vazio e desproteção, fragiliza os laços sociais, enfraquece a crença na política e compromete a presença da alteridade nas relações humanas (Fortes, 2009).

3.4 Redes e suas influências no sujeito contemporâneo

“As redes são muito úteis, oferecem serviços muito prazerosos, mas são uma armadilha”

(Bauman, 2015, s/p).

A tecnologia na contemporaneidade é considerada importante, pois contribuiu para diversos aspectos, tais como sua amplitude em alcançar inúmeras pessoas, auxiliou com o desenvolvimento de diversas ferramentas que possibilitou nas várias formas de se conseguir manter informado levando em conta que é sem restrições de tempo ou espaço. Em conformidade com Nicolau (2021, p.35) “no mundo contemporâneo busca-se cada vez mais objetos no mercado de ofertas do capital para tamponar a falta, como os gadgets, objetos de gozo inventados pela ciência”. Com o desenvolvimento e o constante crescimento em meio social, os indivíduos na sociedade contemporânea cada vez se encontram mais inseridos no meio

tecnológico, pois trouxe, a sensação de pertencimento e integração social que as redes podem oferecer se manifestando na medida em que elas aproximam pessoas e fomentam laços sociais baseados em interesses e características comuns, pode-se confirmar isso quando Fonseca enfatiza que:

Os sujeitos estão imersos nessa regra de ser feliz a todo momento. As propagandas publicitárias ressaltam o tempo todo a obrigação de ser feliz. O slogan da rede de supermercados Pão de Açúcar, por exemplo, propaga a ideia de que o mercado é frequentado somente por “pessoas felizes” (Fonseca, 2021, p.27).

Isso proporciona momentos de lazer, diversão e interação, permitindo que os indivíduos se expressem livremente e reflitam sobre suas ideias (Venancio; Lima, 2023). Segundo Tavares:

A atualidade, com seus trâmites simbólicos e seus dispositivos intrínsecos, exige do indivíduo performances sucessivas, tendo estas a característica principal da valorização de uma capacidade de desligarse de tudo que se apresenta como duradouro e sólido: este é o ponto principal do estilo de existência estimulada pela Pós-Modernidade. A velocidade com que as coisas acontecem em um mundo em que as fronteiras deixaram de existir, somada à distância que se tornou nula por conta dos avanços das tecnologias da internet, demanda do sujeito sempre uma leveza em seus movimentos, a fim de torná-los tão rápidos quanto a evolução das possibilidades (Tavares, 2010, p. 31-32).

Embora o ser humano goze do meio tecnológico, o mesmo traz uma série de consequências, modificando a forma de viver, de pensar e de passar por diversas situações da vida cotidiana. Segundo Venancio e Lima (2023, p.6) “a influência das mídias sociais pode comprometer a percepção da realidade da vida, gerar insegurança, ansiedade, isolamento, desconforto, depressão, e uma frustração descabida, quando a expectativas não correspondem à realidade”, construindo a falta no indivíduo, ou um “não-todo”, complementando a ideia de “não-todo” não se refere a um todo incompleto, mas a uma estrutura que está sempre em processo, sem limites ou fechamento, semelhante ao funcionamento das redes sociais (Nicolau, 2021, p 35).

A busca pela existência digital traz relevantes consequências, na qual a pessoa, ao procurar a realidade virtual, se engana com uma vida moldada em um ideal de perfeição, como o Ideal do Eu que segundo Lacan “comporta os padrões, valores morais e ideais aos quais o sujeito aspira. O “ideal do eu” é o ponto de referência contra o qual o sujeito mede seu próprio valor e suas realizações” (Lacan, 1965, *apud* Massaro, 2015).

Nesse contexto, ela encontra satisfação completa, completamente imersa em um universo que é mostrado como se fosse real, uma vez que é uma versão aprimorada do mundo que aceitamos como verdadeiro. Trata-se de uma ficção idealizada, na qual os criadores de tecnologias virtuais aspiram a desenvolver uma realidade ideal que ultrapasse o "mundo falho" em que nos encontramos (Lemos, 2004).

Junto com o avanço da tecnologia e das redes sociais, o sujeito encontra um lugar onde direcionar suas fantasias e construir uma imagem idealizada de si. Essa realidade virtual, pode produzir a ilusão de perfeição e completude condição que produz gozo ⁹e tampona a falta, conforme aponta Fortes (2009, p.1125) “o sujeito atual nega a dor, seja na relação que mantém com o próprio sofrimento ou naquela que interage com o sofrimento do outro”.

A liberdade individual, que antes era vista como um obstáculo para a construção da civilização, já que os agentes da ordem social buscavam impor normas universais baseadas na razão, tornou-se, na contemporaneidade, um dos valores mais exaltados. Atualmente, ser livre e autônomo é visto como essencial para a realização pessoal. No entanto, essa liberdade e o acesso mais amplo ao gozo não resultaram em uma diminuição do mal-estar psíquico. Pelo contrário, muitas vezes esse ideal de liberdade ilimitada aprofunda o sofrimento do sujeito, pois, ao se ver diante de múltiplas possibilidades e da obrigação de escolher tudo por si, ele também se depara com a angústia da incerteza, da solidão e da ausência de referências sólidas. Assim, mesmo em um contexto onde tudo parece permitido, o sujeito continua confrontado com seus próprios limites, faltas e frustrações, o que evidencia que o mal-estar persiste, mesmo em tempos de suposta liberdade plena (*Ibidem*).

3.5 Os laços sociais moldados pelo luto contemporâneo

“Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então”.

Alice no País das Maravilhas
Lewis Carrol - (1865)

⁹ Lacan desenvolve o conceito de gozo (*jouissance*) como uma experiência que excede o princípio do prazer, diferenciando-se do prazer ligado à satisfação moderada das pulsões. O gozo envolve uma dimensão paradoxal, na qual o sujeito pode obter satisfação e, ao mesmo tempo, sofrimento, pois se trata de um prazer que ultrapassa os limites do corpo e da lei simbólica (LACAN, Jacques. Seminário 20 – Mais, Ainda (*Encore*). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 45.).

No luto ocorre a retirada gradual da libido do objeto perdido e na melancolia a perda não é totalmente consciente ou até mesmo reconhecida podendo acarretar uma série de consequências. Sendo assim, o luto, quando não reconhecido, pode favorecer manifestações melancólicas, nas quais o sujeito, ao perder o objeto, perde também o ideal a ele ligado. Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud explica que, na melancolia, “a sombra do objeto caiu sobre o eu”, ou seja, o enlutado identifica-se com o objeto perdido e dirige a si mesmo as críticas e acusações antes voltadas ao outro. O eu passa, então, a ser tomado como culpado, faltoso e indigno, levando a um profundo empobrecimento do ego e a uma perda do brilho narcísico.

Segundo Casellato (2015, p.15) “Quando uma perda não é reconhecida, experimenta-se o fracasso do ambiente social em oferecer a aceitação e o suporte necessário aos enlutados, que lhes garantiriam a segurança de se sentirem pertencentes e conectados”. Como consequência ao não experienciar o luto o indivíduo será abraçado por um sentimento de alienação e solidão. Em conformidade com Torezan e Aguiar (2011, p.525) “O sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo” sendo assim quando o luto não pode ser reconhecido ou validado socialmente ele passa pelo processo de repressão ou negação do mesmo, na qual tais ações moldam a subjetividade por meio das válvulas de escape que o ser possui, sendo essas: sonhos, sintomas, fantasias e atos falhos. Esses escapes podem ser observados quando retornam de forma mascarada no discurso do sujeito como uma perda não simbolizada.

Para a Psicanálise, o Outro¹⁰ (sociedade, família, cultura) é fundamental na constituição do sujeito, de acordo com Torezan e Aguiar (2011, p.535) “essa relação com o Outro, intermediada pela linguagem, estrutura o inconsciente e promove a organização subjetiva”, ou seja, se o Outro não reconhece ou válida a perda, o indivíduo não pode simbolizar, não tendo lugar para seu sofrimento. Com isso, a elaboração do luto é afetada e a construção de sentido e da própria história subjetiva pode ser influenciada.

Considerando uma orientação psicanalítica na qual entende o sujeito como um ser que é marcado pela falta, alguém que deseja e o desejo surge justamente daquilo que lhe falta, ou o que não pode ser totalmente satisfeito. Torezan e Aguiar

¹⁰ “O Outro não é apenas um outro indivíduo, mas o lugar da linguagem, do significante e da lei, a instância que organiza o desejo do sujeito” (Lacan, 1953-1954, Seminário 1: *Os Escritos Técnicos de Freud*).

(2011) mencionam que essa estrutura está sendo abalada atualmente, onde o sujeito contemporâneo não se estrutura mais da mesma forma em relação com o desejo. A estrutura psíquica mostra traços de instabilidade, o que dificulta ao lidar com frustrações e limites, além de evidenciar uma fragilidade com a realidade simbólica (as normas, a linguagem, a lei). O Outro, o sujeito que castra, ou seja, não introduz a falta que organiza o desejo, isso abre espaço para uma ilusão de completude, como se fosse possível ter tudo, ser tudo, gozar sem limites. Acreditando que tudo seja possível, mas se esquecendo que nem tudo é permitido. Lacan afirma que "a castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo" (Lacan, 1966/1998, p. 841). Essa recusa ao gozo absoluto é o que permite ao sujeito desejar dentro dos limites simbólicos, evitando a ilusão de uma completude impossível.

Sem a lei da castração ou a interdição simbólica, o indivíduo não se constitui plenamente como um sujeito faltante, ocorrendo uma simbolização precária (subjetividade contemporânea), e passa a ocupar o lugar de objeto, seja do consumo, das redes sociais, etc. ele se torna um instrumento que já não busca o prazer em usar, mas sim ser usado; em ver, mas sim ser visto; em comprar, mas sim ser comprado, ocorrendo um deslocamento do ser para parecer. Para Fortes (2009, p. 1126) “valorizar a dor é permitir que não sejamos completamente engolfados pela sociedade individualista do consumo”.

Sem um desejo estruturante, resultado da castração, o sujeito contemporâneo cai na apatia, alienação e angústia, sentindo um vazio que não consegue nomear e reconhecer, ou seja, o luto, em que na contemporaneidade ocorre uma alteração na forma como o sujeito se vê, sendo assim altera a forma como ocorre o adoecimento psíquico. Utilizando de exemplo de tal afirmação, Fortes em seu artigo, mencionou de um caso que se passou pelo aplicativo de rede social, denominada Instagram, uma cena bastante interessante:

Na cena em questão, a influenciadora lamentava a morte de seu pitbull, seu companheiro há mais de 8 anos. Ela relatava, entre choros e suspiros, o processo de adoecimento repentino do cachorro, seguido da morte. Após uma semana, como dito por ela mesma, uma “seguidora” de sua página no Instagram lhe enviou a foto de dois filhotes de pitbull com a intenção de “presenteá-la”, já

que ela estava muito triste com o ocorrido. Ela aceitou o presente, porque, pela foto, percebeu que um dos filhotes tinha uma mancha, uma pinta, em forma de coração, mancha que o seu falecido pitbull também possuía. É bastante curioso observar essa cena, pois percebemos algumas nuances interessantes no ocorrido. Primeiro, o fato de a “seguidora” querer tamponar a falta e o sofrimento produzidos na influenciadora pela morte do cachorro com outro cachorro. Aqui se evidencia certa intolerância ao sofrimento do outro, algo verificado na contemporaneidade. Segundo, o fato de a influenciadora aceitar a proposta do tamponamento, visto que, provavelmente, não estava suportando a dor do próprio sofrimento, da própria perda. Assim, como uma tentativa de defesa, a influenciadora busca substituir um objeto pelo outro a fim de evitar sofrer, de evitar deixar ir. Terceiro, a semelhança entre o novo filhote e o antigo cachorro é algo que evoca na influenciadora um sentimento de necessidade de ter o filhote. Isso talvez possa ser explicado pelo fato da influenciadora acreditar que, na verdade, seu cachorro não se foi, ele ainda está ali. Não houve perda (Fortes, 2009, p.29)

A cena da influenciadora que, ao expor publicamente o luto pela morte de seu cachorro, recebe de uma seguidora a oferta de um novo filhote com características semelhantes ao animal perdido, revela aspectos significativos sobre os laços sociais na contemporaneidade. Em um contexto marcado pela aceleração do tempo, pela busca incessante por satisfação e pela recusa da falta, o luto é muitas vezes tratado como um incômodo a ser resolvido rapidamente. A iniciativa da seguidora em oferecer um “substituto” para o animal falecido expõe a intolerância social diante do sofrimento do outro, bem como a dificuldade em lidar com a dor e a ausência de forma simbólica. Por outro lado, a aceitação da influenciadora desse novo objeto revela como, frequentemente, os sujeitos internalizam essa lógica do imediatismo e da reposição, evitando o enfrentamento do luto e, com isso, impedindo o processo de elaboração da perda. Tais relações evidenciam uma fragilidade dos laços sociais, pois ao invés de sustentarem o sofrimento do outro, buscam silenciá-lo, anulando o espaço necessário para a vivência do luto como experiência subjetiva e coletiva.

De acordo com o que foi mencionado nos capítulos anteriores, mostra-se uma completa paradoxalidade entre uma sociedade que preza a saúde do indivíduo, mas ao mesmo tempo o limita ao que deve sentir, ser e fazer; E uma dualidade no sujeito que deseja uma vida como é mostrado a ele através das redes sociais, e quer sair do estado de estagnação, ansiedade, depressão causados pelos lutos contemporâneos maltratados ou muitas das vezes invalidados, em concordância

Fortes diferencia a modernidade e pós-modernidade (contemporaneidade) dizendo que:

Enquanto na modernidade o sujeito abre mão do gozo em prol da segurança, na pós-modernidade ele abre mão da segurança em prol do gozo. A atualidade não se caracteriza pela renúncia ao gozo, tendo este agora todo o caminho livre para a sua circulação, sem as amarras civilizatórias que antes visavam interditá-lo (Fortes, 2009, p. 1131).

Como afirma Bauman (2001), a sociedade líquida é marcada por laços frágeis, que não resistem à dor e ao sofrimento do outro, e buscam, antes de tudo, o conforto imediato e a rápida substituição do que foi perdido. Essa característica reflete a dificuldade contemporânea em elaborar o luto de forma simbólica, favorecendo substituições que evitam o enfrentamento da falta e do vazio. Evidenciando como os laços sociais, fragilizados na atualidade, não sustentam seu lugar como o Outro na sociedade atual, dificultando ou até mesmo impossibilitando a elaboração simbólica do luto.

4. CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou compreender, a partir da psicanálise, de que modo o luto caracterizado por perdas não reconhecidas afeta a constituição subjetiva na contemporaneidade. A revisão descritiva evidenciou que, embora Freud tenha descrito com precisão o processo de luto em Luto e Melancolia, sua teoria se articula à realidade de uma sociedade moderna, na qual os vínculos sociais, as instituições e os rituais simbólicos eram mais estáveis. Nesse contexto, o investimento e a retirada da libido do objeto perdido correspondiam a um tempo e a uma cultura específicos.

Entretanto, os estudos analisados demonstram que, na contemporaneidade, marcada pela aceleração do tempo, pela cultura do gozo e pela influência das redes sociais, a concepção freudiana clássica não é mais suficiente para dar conta das novas formas de sofrimento. A teoria freudiana continua a oferecer fundamentos indispensáveis, mas, isolada, não contempla a fragmentação dos laços, a volatilidade dos significantes e a desvalorização dos rituais, elementos que hoje interferem na elaboração e na criação de sentido para a perda.

Partindo das formulações freudianas acerca do luto e da melancolia, Lacan amplia a compreensão sobre o sofrimento psíquico ao introduzir as noções de falta e de desejo, situando-as como estruturantes do sujeito. Suas contribuições mostram-se especialmente pertinentes em um contexto contemporâneo marcado pela intensificação da recusa da castração e pela busca incessante de completude. Autores contemporâneos, como Fortes, Fonseca e Nicolau, reforçam que o sujeito atual vive sob a pressão de uma felicidade compulsória e de um imediatismo que inviabiliza o reconhecimento da dor. O luto invisível, nesse cenário, é frequentemente silenciado, favorecendo estados de desamparo psíquico e manifestações sintomáticas.

Essas constatações indicam que a psicanálise contemporânea exige escutas e formulações que validem perdas simbólicas e sustentem a experiência da falta, abrindo espaço para a simbolização do sofrimento. Cabe aos profissionais que atuam nessa perspectiva criar contextos que favoreçam a elaboração da perda, considerando tanto a singularidade do inconsciente quanto os determinantes socioculturais atuais.

Conclui-se, portanto, que o luto não reconhecido, ao não encontrar espaço simbólico na contemporaneidade, compromete a elaboração da falta e fragiliza a subjetividade, gerando desamparo e sintomas psíquicos característicos da era atual.

Além de responder à questão principal, este trabalho também teve como objetivo secundário servir de base para futuros estudos, suscitando novas indagações que podem aprofundar a compreensão do tema. Entre elas, destacam-se: “Em que medida a psicanálise contemporânea acompanha as transformações da subjetividade e as novas formas de adaptação inconsciente dos indivíduos?” e “A psicanálise contemporânea é capaz de acompanhar e compreender as novas formas de adaptação inconsciente próprias da sociedade atual?”. Esses questionamentos ampliam o debate sobre a pertinência e a atualização dos conceitos psicanalíticos frente às mutações sociais e culturais da contemporaneidade.

Como limitação, destaca-se que este estudo é bibliográfico e não abrangeu dados de campo, o que poderia enriquecer a análise, além da dificuldade em

localizar um número maior de artigos diretamente relacionados ao tema, o que limitou a possibilidade de uma elaboração crítica mais ampla e comparativa. Pesquisas futuras podem aprofundar a articulação entre psicanálise contemporânea, cultura digital e práticas de cuidado, ampliando a compreensão das transformações do luto na pós-modernidade. Em síntese, reconhecer que a teoria freudiana dialoga com a modernidade, mas requer releituras à luz das mutações sociais e tecnológicas, é essencial para que a psicanálise continue a oferecer recursos de escuta e intervenção frente às novas expressões do luto.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt . ***Liquid Modernity***. Inglaterra: Copyright, 2001. 200-239 p.

BAUMAN, Zygmunt. As redes sociais são uma armadilha. Entrevista concedida ao jornal ***El País***. Disponível em:
https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em: 31 ago. 2025.

BUGARI, Hellen Rodrigues ; SILVA, Juliana Áurea Barbosa ; LOPES, William Araujo . O Processo de luto e suas formasna atualidade:: um viés psicanalítico. **REVISTA FIMCA**, 2024. Disponível em:
<https://ojs.fimca.com.br/index.php/fimca/article/view/1081/385>. Acesso em: 25 maio 2025.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. s/*Local*: Arara Azul, 1865.

CASELLATO, Gabriela. **O resgate da empatia**: Suporte psicológico ao luto não reconhecido. São Paulo: Summus Editorial, 2015. 15 p.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto; BONFIM, Tânia Elena. O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. **PePsic**, 2013. Disponível em:
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007. Acesso em: 07 abr. 2025.

CRP-RJ, Conselho Regional De Psicologia Do Rio De Janeiro *et al.* Guia Prático de Orientação em Emergências e Desastres: luto o processo com início, meio e sem fim - atuação ética e orientativa da psicologia. **CRP-RJ**, 2024. Disponível em:
http://www.crpj.org.br/site/wp-content/uploads/2024/06/cartilha_emergencias-desastres_VOL02.pdf. Acesso em: 27 mar. 2025.

DOKA, Kenneth J. ***Disenfranchised Grief: Recognizing Hidden Sorrow*** [Luto não reconhecido: reconhecendo a dor escondida] . Lexington, MA: Lexington Books, 1989.

DUNKERR, Christian Ingo Lenz . Teoria do luto em psicanálise. **Pluralidades em Saúde Mental**, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.usp.br/directbitstream/ab4b914c-680f-46c7-93ec-17a5330585b9/3011868.pdf>. Acesso em: 18 maio 2025.

FONSECA, Jade Morelli. **Não me abandone jamais**: as experiências de perda e luto na contemporaneidade. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde - Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 1-50. 2021.

FORTES, Isabel . A psicanálise face ao hedonismo contemporâneo. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, 2009. Disponível em:

[file:///C:/Users/joaoc/Downloads/admin,+3%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/joaoc/Downloads/admin,+3%20(1).pdf). Acesso em: 25 maio 2025.

FREITAS, Joanneliese De Lucas . Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **SciELO**, 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/0103-656420160151>. Acesso em: 25 maio 2025.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.12.

FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 35.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). in: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. v12. São Paulo. Companhia das Letras.1914-1916.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia (1917 [1915]). in: FREUD, Sigmund. **O Inconsciente**. v3. São Paulo. Companhia das Letras. 1915.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Rio de Janeiro. Companhia das Letras. 1996. 17-64 p.

GIL, Antônio Carlos . **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2002. 133-162 p.

GRIGOLETO NETTO, Jose Valdeci. Luto não reconhecido: um conceito dinâmico nos (des)caminhos do social. **EPCC**, 2023. Disponível em:

<https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/10767/1/679044.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2025.

KÜBLER-ROSS , Elizabeth. **Sobre a Morte eo Morrer**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 1-119 p.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10**: a angústia. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1962/2005. 61-364 p.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 6** : O Desejo e sua Interpretação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 110

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4**: A relação de objeto (1956-1957). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20** : Mais, Ainda (Encore). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004, p. 45.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1**: Os Escritos Técnicos de Freud (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. 1965. Apud MASSARO, Felipe K 2015 . "Eu ideal" e "Ideal do eu" em Jacques Lacan. **Felipe K. Massaro**, 2015. Disponível em: <https://felipemassaro.com/eu-ideal-ideal-do-eu/>. Acesso em: 25 maio 2025.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 841. (Obra original publicada em 1966).

LEMONS, André. Cibercultura, cultura e identidade: em direção a uma "Cultura Copyleft"? Contemporânea: **Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 9-22, dez. 2004.

LOURENÇO, Ariely Cristina Tenório *et al.* A Invalidação do Sofrimento no Luto Não Reconhecido. **Faculdade Ágora**, 2022. Disponível em: https://eventos.ajes.edu.br/iniciacao-cientifica-agora/uploads/arquivos/64dac510ea198_A-INVALIDAO-DO-SOFRIMENTO-NO-LUTO-NO-RECONHECIDO.pdf. Acesso em: 27 mar. 2025.

LUNA, Ivania Jann ; MORÉ, Carmen Ojeda . Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto. **REVISTA M.**, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/joaoc/Downloads/8154-Texto%20do%20Artigo-38964-1-10-20180928.pdf>. Acesso em: 18 maio 2025.

MACHADO, Renata De Moraes ; MENEZES, Rachel Aisengart . Gestão Emocional do Luto na Contemporaneidade. **Revista Ciências da Sociedade**, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/joaoc/Downloads/622-Texto%20do%20artigo-1201-1-10-20180823.pdf>. Acesso em: 07 maio 2025.

MINERBO, Marion. Ser e sofrer, hoje. **PePsic**, 2013. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-3106201300010004. Acesso em: 29 mar. 2025.

NICOLAU, Roseane Freitas . Quem quer saber da falta? A psicanálise em tempos sombrios. **Estudos Interdisciplinares**, 2021. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v13nspe/v13nspea06.pdf>. Acesso em: 07 maio 2025.

PEREIRA, Silvana Maria; PIRES, Eliana Ferrante. As Experiências de Perdas e Luto na Contemporaneidade: um estudo bibliográfico. **Revista Educação**, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/joaoc/Downloads/admin_ojs.+Journal+manager.+16.0+-+AS+EXPERIENCIAS+DE+PERDAS+-+200+a+217%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/joaoc/Downloads/admin_ojs.+Journal+manager.+16.0+-+AS+EXPERIENCIAS+DE+PERDAS+-+200+a+217%20(1).pdf). Acesso em: 27 mar. 2025. B

RESSTEL, CCFP. Desamparo psíquico. In: **Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil**. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 87-104. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/xky8j/pdf/resstel-9788579836749-07.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2025.

TAVARES, Leandro Anselmo Todesqui. Contemporaneidade e “mal-estar”. **SciELO**, 2010. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/j42t3/pdf/tavares-9788579831003-02.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2025.

TOREZAN, Zeila C. Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **SciELO**, 2011. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004. Acesso em: 10 abr. 2025.

VENANCIO, Ana Paula. LIMA, Darlene Lourdes de Oliveira. **A dependência digital sob o olhar da psicanálise**. Trabalho de Conclusão de Curso - Sociedade Brasileira de Psicanálise Curso de Formação em Psicanálise. Sorocaba, p. 1-23. 2023.

VIORST, Judith. Perdas Necessárias. 4. ed. São Paulo: **Melhoramentos**, 2005. 165 p.

Winnicott, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

